



Maria do Desterro (Ti Desterra)
Uma Poveira de Corpo e Alma



Ourivesaria Tavares (1922-2022)
Um Século a Eternizar Memórias



'Caminhos, Ruas e Lugares'
Conheça a Rua Sacra Família



CEGO DO MAIO

O HERÓI MAIOR DA NOSSA HISTÓRIA

A cegueira do Mestre Maio

Quem passa no Largo do Passeio Alegre não consegue ficar indiferente ao imponente busto de José Rodrigues Maio, o heroico pescador poveiro immortalizado na história e na memória das gentes pelas inúmeras vidas que salvou no mar.

Volvidos 200 anos desde o seu nascimento, ainda hoje olha, feito estátua de bronze num altivo pedestal, o horizonte da enseada a partir da qual, durante séculos a fio, os poveiros, com a sua miríade de lanchas ao alto e catraias da costa, construíram uma imagem de intrépidos pescadores.

No seio da colmeia piscatória, de onde era originário, este singular lobo-do-mar era carinhosamente tratado por 'Ti Maio', mas ficou eternizado como 'Cego do Maio'. Então, como surgiu este apodo popular?

Um olhar mais romântico diria que a alcunha advém da sua coragem e audácia em salvar quem estava em perigo, atirando-se às cegas sobre as ondas encapeladas e traiçoeiras que ele tão bem conhecia, impedindo que o mar cobrasse mais umas quantas vidas humanas. Mas, na realidade, José Rodrigues Maio teria uma belida num olho e a pálpebra um pouco descaída, por ter contraído varíola (bexiga), daí o epíteto de 'Cego do Maio' ter vingado até aos dias de hoje.

o pescador Maio — Acaba de falecer, em Portugal, o arrojado pescador, José Rodrigues Maio. Era appellidado o Cego do Maio, porque ficou sem vista em um dos olhos desde que teve bexiga.

Maio era patrão do salva vidas da Pavoia. Salvou muita gente e por isso tinha sinceras afeições. Era condecorado com diversas medalhas entre ellas a da Torre e Espada, e a do ouro da Real S. Humanitaria, que lhe foi entregue por El-Rei.



Diário do Maranhão_1885



De Humilde Pescador-Sardinheiro a Anjo da Salvação

A história trágico-marítima da Póvoa de Varzim sempre foi escrita a letras cor de luto. Ali, tantas vezes, com a costa e a salvação à distância de um abraço, muitos homens perderam a vida, numa luta desigual contra a força da natureza.

José Rodrigues Maio nasceu na Rua dos Ferreiros, no dia 08 de outubro de 1817. Filho do pescador António Rodrigues Maio e de Ana Rosa Margarida, viveu boa parte da sua vida numa casa dos avós paternos, em frente ao mar. No *fieiro* (da Lapa) via as perigosas penedias *Mobelhe* e *Extremundes* para onde a forte corrente da barra arrastava as frágeis embarcações.

Adotando como marca familiar o 'meio-sarilhão', José Rodrigues Maio herdou do pai a

dura vida de pescador-sardinheiro e também ele passou a conhecer o mar como a palma das mãos. Esse mesmo mar, único sustento de tantas famílias, mas ao mesmo tempo tremendamente perigoso e traiçoeiro para as frágeis embarcações a vela e remos que demandavam a praia da Póvoa de Varzim.

Durante séculos, a atividade piscatória não teve qualquer apoio de retaguarda quanto à salvaguarda da vida humana no mar. E não havendo porto de abrigo, nem embarcações salva-vidas, o pescador poveiro só podia contar com a *Providência Divina* e a solidariedade dos seus camaradas.

Apelidado de 'Leão da Fabita', topónimo da praia onde morava, José Rodrigues Maio era um pescador valente, destemido e um dos mais humildes entre os humildes. Todos os relatos que se perpetuaram na comunidade marítima apenas reforçam as características deste ilustre poveiro

elevado a herói nacional.

Daquele homem grande e robusto conta-se que, quando as vagas lhe faziam frente, gritava: "Eh mar, chega para lá!". Certamente haverá muito de mito nas palavras postas na boca de José Rodrigues Maio, mas ninguém duvida da sua coragem e heroicidade, de tal forma que Pereira Azurar o apelidou de 'Anjo da Salvação'.

Ao testemunhar um sem-número de naufrágios, José Rodrigues Maio sentia como ninguém a insegurança dos homens do mar. Profundamente devoto de Nossa Senhora da Assunção, confiando na sua destreza e destemor, era o primeiro a atirar a sua pequena catraia mar adentro e arriscar a sua própria vida e a dos seus filhos, Manuel e Francisco, para salvar os camaradas em perigo, perante as preces e gritos de desespero das mulheres da colmeia piscatória.

Salvar os naufragos era a única 'cegueira' de José Rodrigues Maio, que sempre desprezou agradecimentos e honrarias pelos seus atos heroicos. Mas os seus feitos enchiam páginas das seletas escolares de instrução primária, bem como dos jornais do Porto e de Lisboa.

José Rodrigues Maio viveu toda a sua vida como pescador. Só nos últimos anos decidiu abandonar a faina para se dedicar por inteiro à nobre missão de integrar a tripulação do primeiro salva-vidas que aqui chegou em 1864. A embarcação tinha o nome de *Moser*, porque foi por instância do Conde de Moser, junto do Ministro da Marinha e Ultramar, José da Silva Mendes Leal, que esta foi atribuída à comunidade da Póvoa de Varzim.

Com a criação do Real Instituto de Socorros a Naufrágios, em 21 de abril de 1892, sob o alto patrocínio da Rainha D. Amélia, o salva-vidas passou a denominar-se Dona Amélia. Pelo advento da República, foi rebatizado de Cego do Maio, em homenagem ao herói poveiro e patrão salva-vidas. De linhas esguias, este salva-vidas foi reabilitado pelo mestre José Viana e é hoje a peça maior da sala do Museu Municipal sobre a história trágico-marítima da comunidade piscatória poveira.

Dois Séculos a Velar Pela Segurança dos Homens no Mar

Ao longo dos seus 67 anos de vida, José Rodrigues Maio foi merecedor das mais altas homenagens e distinções, pelos serviços prestados aos seus conterrâneos. Galardoado com nove medalhas e condecorações, que ficaram à guarda do Clube Naval Povoense e atualmente se encontram expostas no Museu Municipal, destaque para a mais alta condecoração do reino, o Colar de Cavaleiro da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, e ainda a Medalha de Ouro da Real Sociedade Humanitária do Porto, colocadas pessoalmente pelo rei D. Luís I, na presença da rainha D. Maria Pia e restante família real, pelos mais de 80 salvamentos efetuados ao longo de uma vida diante desse mesmo mar



que sustentava a maior comunidade piscatória do país, mas que também reclamava, para si, umas quantas almas em troca. Conta o povo que quando o rei procedeu à condecoração, José Rodrigues Maio retribuiu com um punhado de conchinhas, dizendo: "Tome lá ó 'Ti' Rei uns beijinhos para as suas criancinhas brincarem!".

José Rodrigues Maio faleceu na sua casa, na Rua da Areia (atual Rua 31 de Janeiro), em 13 de novembro de 1884, e toda a comunidade se cobriu de luto para chorar o desaparecimento do seu maior herói. A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, na sua sessão magna de 17 de novembro de 1884, também lançou um voto de pesar: "O maior amigo desta terra, incontestavelmente um dos mais honrados e prestimosos dos seus filhos, não deixando substituto que possa atingir à sua gigantesca altura".

Uma dúzia de anos após o seu desaparecimento, um grupo de poveiros radicados no Brasil criou uma comissão para angariar fundos para a construção de uma estátua ao maior dos heróis da Póvoa de Varzim. Durante três anos, dos dois lados do Atlântico, e com o Clube Naval Povoense encarregue de gerir todo o processo, mobilizaram-se esforços, organizaram-se festas e, alcançada a quantia de 1200 reis, é assinado o contrato com o escultor portuense Romão Júnior.

A estátua, um busto a meio corpo colocado sobre um enorme pedestal em granito, foi inaugurada em 29 de agosto de 1909, no antigo Largo do Conselheiro Campos Henriques, e o dinheiro angariado chegou não apenas para o empreendimento, como permitiu ao Clube Naval Povoense, em cuja direção estava Santos

Graça, comprar à família, por 60 reis, as medalhas de 'Cego do Maio', um herói poveiro de corpo inteiro.

No mar, de entre todas as características humanas, a mais importante é mesmo a coragem. Dois séculos volvidos, José Rodrigues Maio ainda hoje é o herói mais presente na vida quotidiana da nossa *Póvoa do Mar*. Por isso, a Marinha Portuguesa decidiu batizar de 'Cego do Maio' o primeiro-salva vidas moderno, construído na base naval do Arsenal do Alfeite, e que vai estar adstrito à zona piscatória da Póvoa de Varzim/Vila do Conde, em substituição do salva-vidas 'Patrão Joaquim Casaca'.

A construção desta embarcação, com 15 metros de comprimento e 4,30 metros de boca, envolveu recursos da indústria nacional, sendo que todo o projeto foi desenvolvido pela engenharia do estaleiro. Este salva-vidas de última geração é auto-endireitante, opera com uma autonomia mínima de 150 milhas náuticas, a uma velocidade máxima contínua de 28 nós e à velocidade de cruzeiro de 15 nós, e tem capacidade para albergar 12 pessoas para além da guarnição. A embarcação salva-vidas está a ser submetida a uma série de testes, sendo posteriormente cedida em reforço dos meios da Direção-Geral da Autoridade Marítima, no âmbito da sua missão de salvamento, vigilância e reconhecimento em condições de mar tempestuoso e em zonas de rebentação.

Desta forma, o nosso 'Cego do Maio' vai continuar a velar pela segurança dos nossos homens no mar...



Ala-Arriba à Mulher Poveira

Maria do Desterro Gomes dos Santos nasceu em 7 de dezembro de 1939, em casa, na ilha do Padre Pontes, situada na Rua Patrão Sérgio. Sendo a 11ª filha (de um total de 12) de Tomás Vilacova dos Santos e Isolina Gomes, a nossa Ti Desterra construiu uma vida à força de braços, de lágrimas e de coragem. Pelo mar fizeram a vida o avô, o pai e o marido, tendo herdado a sigla dos Mocetões. Ultrapassou as agruras dos dias e hoje é o orgulho da sua prole (três filhos e cinco netos), tendo, inclusive, em 2019, sido homenageada, em nome das mulheres dos pescadores poveiros, pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro.

“Nasci em plena ditadura, num tempo de muita miséria. Graças a Deus nunca passei fome. O meu pai era pescador e nunca faltava peixinho à mesa. Com 7 ou 8 anos já ia a pé com a minha mãe vender peixe para Cristelo, com a gamela à cabeça, e trazíamos da aldeia batatas, cebolas e tudo o que os lavradores davam. Hoje os pais preocupam-se muito com os filhos e cada um tem o seu quarto. Na casa dos meus pais dormíamos uns quatro por cama, o colchão era de palha, mas tudo se criou. E o que faltava em bens materiais sobrava em alegria, carinho e amor”, recorda.

Maria do Desterro concluiu a 4ª classe e dedicou-se a fazer camisolas poveiras, meias, xailes, peças em croché e rendas de bilros, que depois vendia para ajudar a família. “Tinha quase 10 anos quando fiz a primeira camisola poveira para fora. Como não havia dinheiro para agulhas, ‘roubava’ os ganchos que as minhas irmãs usavam no pisco (puxo no cabelo) para fazer de agulhas.

Durante a semana costurava em casa e ao sábado ia com a minha mãe para a aldeia vender os artigos que as lavradeiras encomendavam. Dinheiro não davam, mas pagavam com o que cultivavam”.

Contra a vontade dos pais, que tinham ido viver para a Rua dos Favais, aos 16 anos, Maria do Desterro foi trabalhar para a fábrica de conservas Praia do Sol, em Alto de Pêga. “Fazíamos muitos serões, porque só trabalhávamos com peixe fresco. Por isso tínhamos a melhor conserva do mundo. Lembro-me de sair de casa às 7 e 20 da manhã e só regressar às 6 da manhã do dia seguinte. E continuei a trabalhar em casa, para pagar a renda. Fiz muitas camisolas poveiras para a antiga Loja do Sol e para o estrangeiro”.

Em 1961, Ti Desterra começou a namorar com Caetano Silva, com quem casou no dia 15 de agosto de 1964. “Fomos morar para a casa da minha sogra, na Rua Latino Coelho, no Ramalhão. O meu homem trabalhava em Matosinhos com o pai, que tinha dois barcos de boca aberta (catraias), enquanto eu tomava conta de umas meninas, filhas de umas lavradeiras de Cristelo, que estudavam na Escola Comercial. Quando se dá o defeso, o Caetano toma conta de um barquinho chamado 'Alvarina', nome da minha sogra, e passo a governar a casa e a dedicar-me à vida do mar. Levantava-me às 5 da manhã para ir para a praia, com o trol à cabeça, para botar o barco abaixo, como faziam as mulheres dos mestres. Passei também a fazer os aparelhos de pesca e a empatar anzóis”.



Alma de Artista de Ti Desterra Sobreviveu à Dura Labuta dos Dias

O espírito de sacrifício, a temeridade, a resiliência, são marcas identitárias dos poveiros, transmitidas com orgulho de geração em geração. Desbravando inúmeras marés, intrépidos pescadores e suas corajosas mulheres criaram a maior comunidade piscatória do país, temperada pelo sal e alicerçada na fé e no trabalho.

É nesta comunidade, marcadamente matriarcal, em que é a mulher quem governa a casa, cuida dos filhos e ainda ajuda o marido, que se criam relações que fomentam sentimentos de solidariedade, união e pertença. E se há tradições que ganharam raízes, como o famoso Serão Poveiro, a classe piscatória destacava-se das demais pelo linguajar característico e o coração ao pé da boca, certeza matemática de quem tem no mar o ganha-pão de uma vida.

Os pregões das mulheres na roda do peixe, o jargão dos pescadores, a riqueza e metamorfose de vocábulos tão ímpares correram sérios riscos de se perderem com a democratização e o processo de alfabetização, ainda que muitas expressões tenham sido resgatadas por Santos Graça, com a publicação de 'O Poveiro' em 1932.

Felizmente, traços desse dialeto permanecem ainda hoje na comunidade poveira, graças a autênticas 'enciclopédias-vivas' desse passado que ainda se faz presente. Nesta reportagem, uma ode à mulher poveira, destacamos Ti Desterra, que sempre nos encanta e surpreende com as suas histórias e representações.



Anos mais tarde, depois de ter comprado barco, a nossa poveira dedicou-se por inteiro à vida do mar. "A gente acabava de comer e íamos para a praia do peixe porque não sabíamos a que horas chegavam os barcos. Sentadas na areia, as mulheres agrupavam-se consoante cada barco. Ali ouviam-se histórias, que as mais velhas contavam, faziam-se camisolas ou meias, e assim se passava o tempo até os barcos chegarem. Depois íamos vender o peixe para a roda, em leilão, em frente à capitania. E vinha gente de todo o lado para comprar ou simplesmente para ouvir a gente apregoar o peixe. Quando acabava a venda, tirava o avental da cinta, punha na areia, contava-se o dinheiro e tiravam-se as despesas. Pataca a ti, pataca a mim, a mim pataca, repartia-se logo ali o dinheiro da maré".

A certa altura, depois do barco da família se ter afundado, Caetano Silva emigrou para a Alemanha, onde trabalhou 26 meses na marinha mercante. Quando regressou, comprou uma motora por 120 contos. "Graças a Deus, ao leme do 'João Caetano', nome do nosso primeiro filho, o meu homem tinha muita sorte a pescar, de tal forma que ao fim de cinco anos vendemos esse barco por mais dinheiro. Compramos então um outro barco, com o mesmo nome, e assim continuamos a levar a nossa vida. Tenho imensas saudades de ver a nossa enseada repleta de catraias, lanchas e motoras, da Póvoa até às Caxinas".

Os pescadores sabem que o mar é perigoso e que a tempestade é terrível, mas nunca julgaram esses perigos como razão suficiente para permanecer em terra. Por isso, sendo mãe e mulher de pescadores, Ti Desterra viveu sempre com o coração nas mãos: "Era madrugada quando o telefone de casa toca e do outro lado da linha alguém da Capitania de Aveiro dizia que o nosso barco tinha ido ao fundo à saída da barra. Fiquei em estado choque, ao pensar no meu marido e no meu filho mais velho, mas a tripulação tinha sido salva por um arrastão. Perdemos o barco, mas os homens estavam todos bem".

Seis meses após este infortúnio, Maria do Desterro e Caetano Silva encomendaram um barco em ferro, "o primeiro a vir para a Póvoa de Varzim", mas o destino teimou em colocar mais umas dolorosas pedras na calçada da vida: "Estivemos dois anos com esse barco até recebermos a notícia que o meu homem estava muito doente, que o impossibilitava de ir para o mar. Os meus filhos ficaram a comandar o barco, mas, certo dia, depois de se abastecerem nas Canárias, houve um curto-circuito a bordo e o barco ardeu em alto-mar. Os tripulantes meteram-se em duas balsas salva-vidas e ao fim de 16 horas na água foram salvos por um paquete".

"Não tive uma vida fácil, mas as cicatrizes que carrego na alma e as rugas que estão nestas mãos de trabalho fizeram a mulher, a mãe e a avó que hoje sou", conclui.

Uma Estrela no Palco das Estórias e Tradições Genuinamente Poveiras

Figura icónica da nossa comunidade, Ti Desterra tem perpetuado a memória da cultura popular poveira, tão rica quanto diversificada, através das suas estórias e da arte da representação de muitas tradições da classe piscatória, como o singular Serão Poveiro.

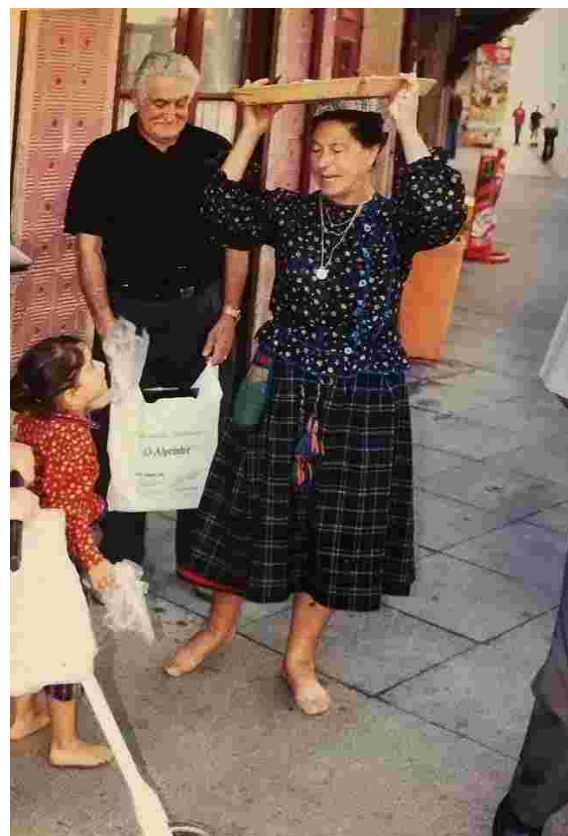
Ainda hoje, no desabrochar das suas 82 primaveras, é capaz de nos surpreender e cativar com o seu sorriso, o brilho do olhar ou o típico linguajar das nossas gentes que nos remete para a raiz de um passado ainda tão presente na nossa memória, na nossa história...

"Pisei um palco pela primeira vez com 7 anos de idade. Foi na representação de um Serão Poveiro, mas não tinha nenhuma fala, só ficava a encher agulhas. Também sempre gostei de poesia e lembro-me de participar num concurso da escola, cujo prémio era uma boneca. Para ser a melhor, ia para o meio das flores do quintal dos meus pais decorar o poema para o poder recitar. Do postigo da cozinha via a cara perplexa da minha mãe, que dizia ao meu pai para me levar ao médico, porque eu não estava bem fina da cabeça. Fui representar a minha sala na final, diante de um júri no antigo Póvoa-Cine, e acabei por ganhar a tão desejada boneca".

Ti Desterra confessa que sempre gostou de dançar, mas os pais nunca a deixaram integrar o rancho. Mais tarde veio a representação e o teatro de revista, figurando sempre como uma das cabeças-de-cartaz, colhendo aplausos de reconhecimento pelas suas magníficas interpretações. Atualmente integra o Grupo Recreativo e Etnográfico 'As Tricanas Poveiras', mas não esconde que o coração pulsa mais forte quando "é ouro sobre azul", as cores do seu Bairro Norte. "Em cima do palco posso interpretar vários papéis, várias personagens, mas há sempre uma parte de mim em todas elas".

Maria do Desterro orgulha-se da sua capacidade para decorar os textos, até porque "não sei dizer as falas de papel na mão", mas o improviso também está sempre presente, reiterou: "Não há nenhum ensaiador que controle a nossa boca na representação do Serão Poveiro. Saímos-nos com cada coisa, assim de improviso, mas sem fugir ao texto do guião. Pelo modo como trajamos, pela forma como dizemos as falas, para mim é como regressar a um passado que nos enche de saudades".

A par da sua invulgar capacidade em representar, Ti Desterra é uma exímia contadora de estórias de um tempo sem tempo. E quando nos sentamos para a ouvir, viajamos para dentro desta intemporalidade como se fizessemos parte da própria narrativa. "Quando os pescadores não iam ao mar, ficavam nos quintais a jogar às cartas, a jogar à malha e a contar histórias. E eu, ainda criança, punha-me a escutar com toda a atenção. No final já sabia a história de cor e



salteado e não mais me esquecia. Na nossa casa também se contavam muitas histórias. E quando um contava uma história, os restantes assentavam-se a ouvir e ninguém ousava interromper".

E o linguajar tão característico das gentes do mar? "Ah... aprendi muito com uma tia, irmã do meu pai, que tinha um falar tão serrano, mesmo aquele falar poveiro. Ia sempre atrás dela, de tal forma que ela dizia: 'Oh ró de cachopa eu bou-te acusar ao teu pai. Tu não me deixas em paz. Olha que eu assobico-te (bato-te)', gracejou. Acompanhando as novas tecnologias, a nossa Ti Desterra criou, na sua conta pessoal na rede social Facebook, um álbum de vídeos com várias histórias, que intitulou de 'Contos com a Ti Desterra', que tem sido um verdadeiro sucesso de visualizações. Na sua voz as personagens ganham vida e todo o enredo tem o condão de nos prender do início ao fim. "Muitos ficam admirados com a naturalidade com que conto histórias, sem medo ou timidez. Mas quem vai para cima de um palco como eu fui, sem qualquer ensaio, diante de uma plateia de gente, já nada me amedronta. Gosto muito de contar histórias e cheguei mesmo a ganhar o 1º prémio de contadora de histórias, num evento que decorreu na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, que muito me encheu de orgulho".

E conclui: "Enquanto a vida me deixar, quero continuar a poder representar e contar as minhas histórias. Sou poveirinha com muito orgulho. Amo a minha terra".

Ofícios e Lojas com história

Tavares - Um Século a Eternizar Memórias

Quantas *estórias* cabem na história centenária da Ourivesaria Tavares? E de quantos factos, objetos de arte, imagens e palavras precisamos para narrar a longevidade da sua existência? Certamente não caberiam nas linhas desta reportagem, até porque a Tavares conquistou por mérito próprio um lugar de relevo no galarim da ourivesaria e joalheria nacional e internacional, sendo hoje uma referência incontornável na produção, restauro e comercialização de metais nobres e pedras preciosas.

O início desta história de sucesso remonta a 1 de outubro do longínquo ano de 1922, data da fundação da sociedade 'Andrade & Tavares', constituída por Gaspar José de Andrade, Miguel da Silva Andrade, Manuel da Silva Andrade e Virgílio Aristides Tavares, que se estabelecem no n.º 54 da Rua 5 de Outubro (atual Rua da Junqueira), a mais antiga e importante artéria comercial da cidade.

Em 1937 a sociedade é dissolvida, ficando a firma e o edifício entregue a Virgílio Aristides Tavares, que no ano seguinte regista a marca de ourives com o seu nome. Impulsionada pela aposta na realização de feiras em Vila Real, Chaves e Montalegre, que deram um grande incremento ao negócio, a Ourivesaria Tavares consolidou a sua atividade, primando pela qualidade, profissionalismo e por uma relação de extrema confiança com os seus clientes.

Após o falecimento de Virgílio Aristides Tavares, em 1954, a sociedade passa para a esposa, Isolina Andrade Tavares, e para os três filhos, Simão, Miguel e Ana (representada pelo marido, António Carlos Matos de Araújo), passando a designar-se por 'Virgílio Aristides Tavares, Herdeiros'. No entanto, é o filho Miguel Tavares quem desiste dos estudos superiores para se dedicar por inteiro à ourivesaria e ao negócio de família. Assim, aos 22 anos, Miguel Tavares passou a dirigir a oficina de 25 funcionários e a empregar todo o seu amor à arte, com o apoio dos irmãos e do cunhado. Sabendo aliar a tradição à inovação, a empresa poveira transforma dificuldades em oportunidades, trilhando um percurso de sucesso que se foi consolidando ao longo dos anos.

Atualmente, a Tavares já vai na quarta geração da família, sendo propriedade de Carlos e Ana Tavares. E se para honrar o passado é preciso ter no presente a responsabilidade de

saber construir o futuro, a centenária empresa poveira abraça a missão de eternizar paixões e immortalizar memórias, respeitando uma herança familiar que foi sendo transmitida de geração em geração.

Com serviços de excelência na produção, restauro e comercialização de metais preciosos e artigos de luxo, a Tavares afirma-se no mercado nacional e internacional através das criações de uma competente e dedicada equipa de artífices. E é através da sensibilidade artística, do engenho manual e de um design apurado, que a Tavares concilia tradição, experiência, conhecimento e inovação.

"Chegar aos 100 anos representa um grande orgulho e responsabilidade neste legado que devemos proteger e cuidar. É também uma homenagem a todos aqueles que contribuíram para que hoje cá estivéssemos a celebrar o primeiro centenário da Tavares. Refiro-me aos nossos avós, tios e primos, aos nossos colaboradores e aos nossos fiéis clientes de muitos anos. Foi preciso muita coragem, dedicação e resiliência porque ao longo da nossa



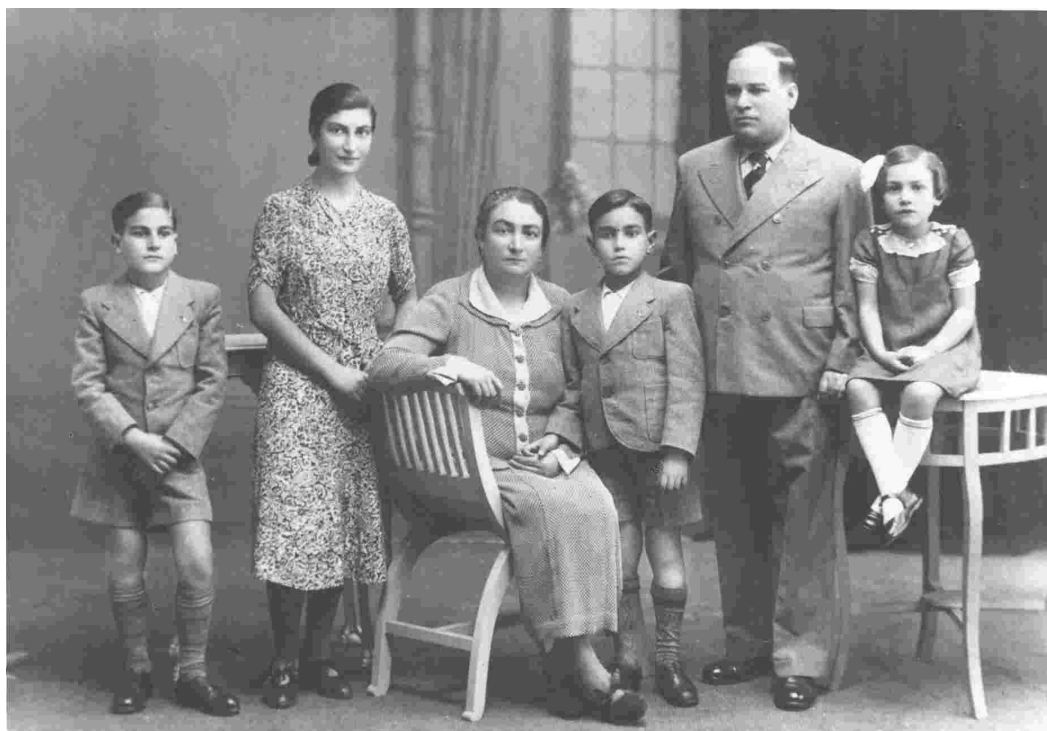
história resistimos à II Guerra Mundial, à Guerra Civil de Espanha, Guerra Colonial e à Revolução do 25 de Abril de 1974. O país faliu por duas vezes, tivemos uma pandemia global e atualmente vivemos de perto este conflito no leste europeu", refere o sócio-gerente, Carlos Tavares.

Ao longo deste ano são várias as iniciativas agendadas para comemorar o centenário desta icónica empresa poveira.



"Inauguramos a instalação de uma nova fachada, onde sobressai o coração minhoto em filigrana, que é um ícone nacional e um símbolo de fé, em devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Desta forma assumimos que somos uma ourivesaria, embora essa palavra (ourivesaria) desapareça do novo logotipo - '19 Tavares 22' - porque queremos assumir-nos como uma marca de joias em ouro e pedras preciosas. Ao investirmos numa nova fachada, pretendemos também ser inspiradores para outros empresários, no sentido de serem resilientes e não desistirem dos seus projetos. A Junqueira tem casas lindíssimas e basta apenas alguma manutenção nas respetivas fachadas para tornar a rua mais atrativa".

"Em 2010, quando eu e a minha irmã compramos a quota ao meu tio, abraçamos o lema '*A Caminho do Centenário*', que foi extremamente inspirador e motivador. Envovemos a cidade nesta demanda e foi com imenso orgulho que em 16 de junho de 2016 fomos homenageados com a Medalha de Reconhecimento Poveiro, Grau Prata.

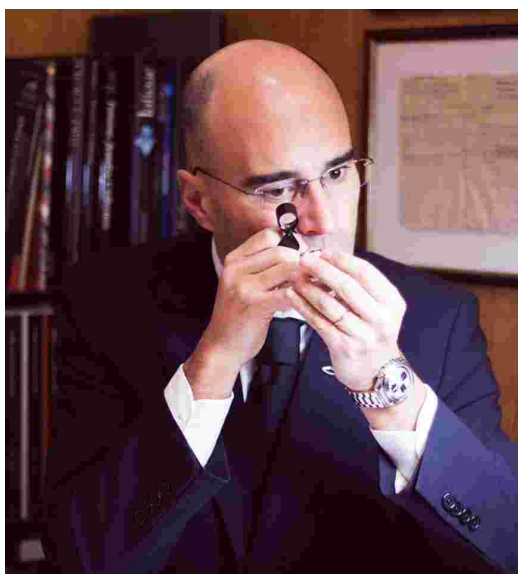


os filhos não se desuniram e tiveram a coragem de levar avante este projeto. Inclusive o meu pai deixou os estudos para ajudar os meus tios. Mais tarde, já nos anos 80, existiu a responsabilidade de preparar as gerações futuras, no caso eu, a minha irmã e os meus primos, para dar continuidade a este legado. Em suma, o projeto familiar foi sempre mais importante que o sucesso particular de cada um. Só assim conseguimos ter uma empresa que vai já na quarta geração, uma vez que descobrimos que o nosso bisavô também foi sócio na primeira sociedade", sublinha Carlos Tavares.

Só com trabalho, resiliência, dedicação e espírito de sacrifício é possível almejar o sucesso. "O meu pai e os meus tios dormiram no chão quando faziam feiras, os empregados muitas vezes sacrificaram-se aqui a fazer horas extras para cumprir o prazo das encomendas em épocas que eram mal pagas. Portanto, há que ter respeito por essa herança.

É o que nos move a não baixar os braços perante as adversidades e acreditar que é sempre possível ir mais além".

Ao honrar o passado e celebrar o presente, a Tavares também projeta o futuro: "O nosso maior desafio é manter o nível de excelência que alcançamos e isso só é possível com o empenho, esforço e dedicação que empregamos diariamente. Para além de protegermos o património material e imaterial desta empresa, é importante preparar o futuro e encontrar na família quem possa dar continuidade a este projeto, sabendo de antemão que ser comerciante é um ato de coragem e uma vida de sacrifício, porque são muitos os desafios diários a superar. Por agora, celebremos o Centenário da Tavares".



Por outro lado, fomos melhorando as nossas instalações de forma gradual. Criamos oficinas novas, escritórios novos, uma sala para atendimento privado, remodelamos a loja e culminamos todo este trabalho com a instalação desta bela fachada, para mostrar ao mundo a nossa arte".

Carlos Tavares acrescenta: "Realizamos uma pesquisa de documentos e fotografias antigas e em outubro vamos apresentar uma publicação para dar a conhecer os 100 anos desta família e desta empresa. Simultaneamente, vamos organizar uma exposição com os documentos originais dessa publicação, que poderá ser visitada também de forma virtual, através do nosso site na internet. E estamos a redesenhar muitos dos modelos antigos, que eram feitos nas nossas oficinas nos anos 50 e 60 do século passado, assumindo a Tavares como uma marca com uma identidade própria".

E o que distingue a Tavares no universo da ourivesaria e joalheria nacional? "Existiu sempre uma consciencialização no sentido em que a família se funde no negócio e o negócio se funde na família. Quando o meu avô faleceu,



“Caminhos, Ruas e Lugares”

O Topónimo da Rua Sacra Família

*Minha rua era tão minha
em sua simplicidade...*

*Não sei de onde é que ela vinha,
mas ia para a cidade.*

*Com suas pedras redondas
e duas magras calçadas,
não tinha praia nem ondas,
mas como tinha encurradas!*

*Era alegre, era risonha,
tinha orquestra de pardais,
e a cantilena enfadonha
de mil pregões matinais.*

*Ali cresci, me fiz homem,
e a minha rua, coitada...
Qual as mães que se consomem,
foi tudo, sem querer nada.*

*Foi pista dos meus brinquedos,
de jogos, de correrias...
Foi dona dos meus segredos
viu tristezas, alegrias...*

*Viu meus passos imprecisos,
viu-me garoto, um traquinas,
e viu-me trocar sorrisos
nas rondas pelas esquinas.*

*Viu-me também, certo dia,
sair de lá, nem sei quando...*

*Por fora sei que sorria,
por dentro estava chorando...*

*Guardei, porém, na lembrança
aquele encanto que tinha.
A rua em que fui criança,
a rua que foi tão minha...*

'Minha Rua', de Virgílio Moojen de Oliveira



Esta rubrica pretende dar a conhecer ao leitor as ruas, caminhos e lugares da nossa cidade e os respetivos topónimos. Para início deste itinerário elegemos a Rua Sacra Família, certamente uma das artérias mais extensas da cidade da Póvoa de Varzim, com aproximadamente 1,65 km, e que se estende desde a Rua da Igreja até à inserção com a EN 206, onde começa a freguesia de Argivai.

A propósito do topónimo da Rua Sacra Família, em 'Toponímia da Póvoa de Varzim' - Vol. IV, pp. 190-191, da autoria do Dr. Jorge Barbosa, separata do Boletim Cultural Póvoa de Varzim, Vol. XV (1976) a Vol. XIX (1980), pode ler-se: "(...) em 6 de Maio de 1907, a Câmara deu o nome de "Rua de Sacra Família à antiga rua do Anjo, compreendida entre as ruas dos Fiéis e Pinheiro, e o ponto onde se encontra estabelecida a barreira fiscal", homenageando-se a figura ilustre do Dr. José da Silva Tavares. (...) esta rua passa sobre a linha férrea Póvoa-Famalicão e o pontão existente sobre essa via foi elevado em 1948 e a conclusão do seu alargamento só se verificou em 1969. Tem sido apreciável o surto urbanístico desta rua, nas últimas décadas, com a construção de numerosas moradias e estabelecimentos comerciais e industriais, salientando-se as empresas (...) dedicadas à construção civil. Dada a urbanização de quase toda a antiga rua do Anjo, o povo prolongou a denominação de Rua de Sacra Família até ao Lugar da Gandra, limite da Póvoa com Argivai, estando toda esta via pública integrada no ramal 525-2 da Estrada Municipal 525".

A maioria dos poveiros não associa o nome da Rua Sacra Família a uma pessoa. No entanto, o nome dado a este arruamento perpetua a memória de um ilustre concidadão, nascido em Argivai, em 14 de fevereiro de 1788, o Dr. José da Silva Tavares, que adotou o nome religioso de Frei da Sacra Família.

O seu pai era sapateiro e acredita-se que o ingresso do jovem na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, com 17 anos de idade, tenha acontecido através dos Frades Franciscanos que à época calcorreavam as ruas das aldeias em missões de catequese.

Destinado à vida religiosa, José da Silva Tavares professou no Convento do Grilo, em Lisboa, na Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, e em 25 de junho de 1805 adotou o nome religioso de Frei da Sacra Família, pelo qual se tornou posteriormente conhecido.

Homem inteligente, aplicado estudioso e detentor de uma religiosidade fervorosa, Frei da Sacra Família ingressou na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Em 1814, com 26 anos de idade, recebeu o grau de Doutor, defendendo uma dissertação sobre a conceção virginal de Cristo. Permaneceu na Universidade de Coimbra como estudante de Filosofia, curso que concluiu em 1821, tendo posteriormente sido nomeado professor de Aritmética e de Filosofia no Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1824.

Frei José da Sacra Família viveu em Coimbra alguns dos acontecimentos que mudaram radicalmente as estruturas sociais e políticas do país: as invasões francesas, a intensa difusão da ideologia liberal revolucionária através do ativismo maçónico, a implantação do regime constitucional, a independência do Brasil, e o confronto fratricida entre legitimistas e liberais que desembocou na Guerra Civil Portuguesa (1828-1834). Pese embora toda esta instabilidade, lecionou no Real Colégio das Artes de Coimbra até ser transferido, em pleno domínio do governo do rei D. Miguel I, de que era militante defensor, para o Real Estabelecimento de Belém, em Lisboa, com o objetivo de aí reger a cadeira de Filosofia Racional e Moral.

Terminada a guerra civil, com o fim do domínio miguelista e a abolição das ordens religiosas, Frei da Sacra Família partiu para França, decorria o ano de 1834, onde passou a dedicar-se ao ensino particular, vivendo de lições dadas a filhos de emigrados portugueses, em geral famílias da aristocracia lá refugiadas em resultado do apoio dado ao derrotado partido miguelista. Foi ainda professor nos colégios de Fontenay-aux-Roses e de Château de Menars, nos arredores de Paris.

Em 1848 partiu para Inglaterra, país onde viveu até ao fim dos seus dias. Em Witham, no Essex, dedicou-se à construção

de um templo, inaugurado em 22 de outubro de 1851, por Sua Eminência o Cardeal Wiseman, Arcebispo de Westminster.

Ao ser realizado, em setembro de 1851, o casamento de D. Miguel I com a princesa alemã Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg, Frei da Sacra Família viajou em novembro desse ano para a cidade de Hanau, nas imediações de Frankfurt. Durante dois anos ocupou o cargo de secretário particular do antigo monarca, regressando posteriormente a Inglaterra, para residir na comunidade católica de Saint Helen de Brentwood, nos arredores de Londres, onde acabou por falecer, em 14 de setembro de 1858, aos 70 anos de idade.

Frei da Sacra Família foi uma das mais representativas personalidades da sociedade poveira, no país e na corte do século XIX, e a sua memória está perpetuada na atribuição do seu nome a este importante arruamento situado no coração da cidade.



Um mar de tradições e estórias a divulgar

Quando há 90 anos Santos Graça publicou “O Poveiro”, dava notícia ao país e ao mundo da enorme riqueza da nossa cultura local. Este boletim pretende dar continuidade à tarefa interminável de divulgação das nossas tradições e costumes. Todos os meses, a junta de freguesia vai apresentar o seu “Boletim Poveiro”, dando a conhecer personagens típicas e históricas, lojas tradicionais, associações desportivas e culturais, ruas e monumentos da Póvoa de Varzim, de Beiriz e Argivai.

Ricardo Silva

Presidente da União das Freguesias
da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai